

Interações entre mães de crianças surdas em um ambiente virtual de aprendizagem

Interactions between mothers of deaf children in a virtual learning environment

*Raquel Gilaverte*¹

*Edilson Carlos Caritá*²

*Neide Aparecida de Souza Lehfeld*³

*Paulo Muniz de Ávila*⁴

Resumo: Objetivando-se evidenciar experiências vivenciadas por mães de crianças surdas, considerando temáticas como o diagnóstico tardio, compreensão da surdez e suas implicações e distanciamento de familiares e profissionais especializados, procedeu-se à análise qualitativa das interações realizadas em um fórum de discussão proposto em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) durante seis meses. Os resultados encontrados revelaram que o fórum virtual proporcionou a partilha de informações e troca de experiências entre os sujeitos da pesquisa. A criação de estratégias de escuta e acolhimento dessas mães reforça que é preciso conhecer a dinâmica parental, elucidando aspectos que afetam diretamente a educação de crianças surdas.

Palavras-chave: Comportamento Parental; Surdez; Ambiente Virtual de Aprendizagem; Inclusão.

Abstract: With the aim of highlighting the experiences of deaf children's mothers, considering topics such as late diagnosis, understanding of deafness and its implications, and distancing from family members and specialized professionals, a qualitative analysis of the interactions carried out in a discussion forum Proposed in a Virtual Learning Environment (VLE) for two months. The results found allow to consider that the Virtual Learning Environment provided the sharing of information and exchange of experiences between the subjects of the research. The creation of strategies of listening and welcoming these mothers reinforces that it is necessary to know the parental dynamics, elucidating aspects that directly affect the education of deaf children.

Keywords: Parental Behavior; Deafness; Virtual Learning Environment; Inclusion.

Introdução

A família exerce um papel fundamental no desenvolvimento psicossocial de seus integrantes, constituindo-se uma unidade significativa para a sociedade. Sentimentos, valores, atributos, crenças e princípios são estabelecidos em processos de mediações com o outro e com o meio (VYGOTSKY, 1991).

1 Mestre em Saúde e Educação pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Ribeirão Preto – SP. Email: raquelgilaverte@gmail.com

2 Professor Titular do Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Doutor em Clínica Médica pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

3 Professora Titular do Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Pós-doutorado em Políticas Públicas de Salamanca – Madrid. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

4 Professor Adjunto do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais campus Poços de Caldas, MG. Doutor em Biotecnologia pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) Ribeirão Preto -SP.

Considerando o corpo familiar como primeiro meio social e cultural ao qual a criança está inserida e que experimenta na infância, tem em seu cerne aspectos linguísticos e de socialização que devem ser introduzidos por este núcleo, relacionando-se aos processos de internalização. A constituição dos indivíduos está subjacente tanto à significação quanto à percepção do mundo e que perfazem sua realidade sociocultural (VYGOTSKY, 1991).

Brito e Dessen (1999) ampliam a discussão sobre a crise familiar e suas implicações diante do diagnóstico de surdez de um filho. Denotam que a surdez pode afetar profundamente a dinâmica e interações criadas na família, assim como os pais podem vivenciar situações e sentimentos distintos relacionados com a trajetória dessa experiência, gerando dúvidas, dificuldades e incertezas.

Deve-se observar que, a família enfrenta um processo doloroso comparado ao “luto” pela perda de um filho idealizado, e González (2007) afirma que, a análise de aspectos voltados aos sentimentos, significados e crenças que vivenciam pais de crianças com deficiências, evidencia a desconstrução de um mundo desejado e ainda aponta caminhos que possibilitem a elaboração do significado da surdez de seu filho. Segundo Barbosa et al. (2008), frente às rupturas de um cenário que os pais idealizam, a família volta-se para a reelaboração de sua dinâmica e dos papéis de seus membros.

Essas alterações na dinâmica familiar ocorrem devido à especificidade da surdez, que diz respeito às singularidades linguísticas e culturais entre ouvintes e surdos, perpassando os desafios da educação de surdos (QUADROS, 2006). Considerando esses aspectos, o diagnóstico precoce em bebês segundo Azevedo (1996); *Joint Committee on Infant Hearing* (JCIH, 2000); Bevilacqua e Moret. (2005) e Quadros (2006) é vital para evitar perdas psicossociais, sendo essencial a introdução de uma forma de comunicação até os 6 meses de vida (JCIH, 2000), priorizando o contato da criança surda com seus pares, oportunizando a partilha de saberes em uma troca contínua de (re) significações de seu mundo, constituindo sua identidade e revelando seu jeito de se reconhecer e interagir com o outro (QUADROS, 2006).

No Brasil, a língua oficial de pessoas surdas é a Libras – Língua Brasileira de Sinais, reconhecida pela Lei nº 10.436/02 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2002). Essa língua possibilita a inserção sociocultural dessas pessoas em todos os espaços de convívio das mesmas e, a família, sendo a unidade principal na vida de crianças surdas, deve também aprendê-la. Ancorando-se na perspectiva do uso de uma língua compartilhada entre os membros da família, demarca-se a importância do estreitamento da relação dos mesmos com uma equipe de apoio especializado. Assim, pensando-se no acompanhamento de familiares de crianças com deficiências, González (2007) enfatiza que, o acolhimento desses sujeitos deve estruturar-se a partir da peculiaridade da deficiência em si e a equipe de apoio especializado pode abarcar profissionais de áreas diversas como pedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos, que visem priorizar a minimização dos problemas decorrentes. No caso da surdez, entendendo-a como diferença linguística e cultural, todo tipo de apoio deve preconizar as reais necessidades da família.

Assim, frente às rupturas das formas de convívio cotidiano, em cada grupo familiar, os sentimentos serão elaborados internamente de formas diferentes e em tempos próprios. Há que se considerar que, os cuidadores, percebendo sua impotência diante das diferenças linguísticas que se apresentam, segundo pesquisas como a de Quadros (2006), ficam presos em um ciclo de constantes frustrações e sentem-se distanciados de seu filho surdo, não estabelecendo um vínculo como ocorre com famílias e filhos que não apresentam deficiências conforme ressaltam González (2007) e Barbosa et al. (2008).

Os sentimentos e as reações mais comuns e que perfazem o processo de “luto”, caracterizam-se desde o choque do diagnóstico, pois os pais se sentem “anestesiados” e impotentes diante da incerteza de como proceder até a negação, ou seja, quando não conseguem encarar possíveis dificuldades. Encontramos ainda na literatura a descrição de sentimentos que perfazem a culpa e raiva, direcionando-os para si mesmos, para a criança ou para o profissional responsável pelo diagnóstico e acompanhamento posterior evidenciado em González (2007) e Barbosa et al. (2008).

No cenário apontado anteriormente, é fundamental estabelecer uma via de relacionamento e acolhimento desses familiares e a escuta sensível dos mesmos, propiciando uma minimização de sua vulnerabilidade emocional, para que, busquem soluções, alternativas e possibilidades de uma convivência saudável e significativa entre os integrantes da família.

Ao pensar em um apoio profissional especializado, estratégias efetivas podem ser traçadas, ressaltando que a orientação precoce aos pais pode abordar conhecimentos que perfazem a dinâmica familiar frente à deficiência de um filho, considerando as questões emocionais, evidenciando as formas e abordagens de comunicação viáveis e que condizem à realidade familiar. Ainda, como forma de reconhecer programas educacionais que permeiam aspectos voltados à inclusão escolar e que propiciem, sobretudo, um olhar sensível dos profissionais em relação às condições culturais, linguísticas e sociais específicas destes sujeitos (MOTTI; PARDO, 2010). Algumas estratégias de abordagens sobre a surdez podem oferecer respostas às dúvidas comumente levantadas por familiares, cômputo Torres (2005) e González (2007), com a finalidade de minimizar perdas psicossociais em surdos fortemente ligadas aos conflitos sociais e emocionais que vivenciam (GÓES, 2002).

Apesar de todos os apontamentos, evidencia-se que grande parte dos atendimentos especializados voltados para familiares com crianças que apresentam alguma deficiência são ofertados na modalidade presencial como assinalados por Amiralian (2003) e Pardo e Carvalho (2012). Ressaltando que as situações referentes às questões financeiras, localização geográfica e de tempo, inviabilizam o deslocamento constante desses pais para as instituições especializadas que lhes prestam atendimento. Tais apontamentos corroboram com a sensibilidade de se desenvolver uma rede de apoio aos cuidadores que atravessam os contextos sociais, econômicos e culturais dos mesmos (MOTTI; PARDO, 2010; KRAMECK; NASCIMENTO, 2015). É válido apontar que alguns estudos direcionados às famílias de crianças com deficiências foram elaborados visando um apoio não presencial em que se disponibilizou um material impresso composto por unidades que continham conteúdos teóricos e práticos referentes à surdez em crianças (MOTTI; PARDO, 2010) e ainda a elaboração de cartilhas informativas para facilitar o acesso às informações referentes a deficiência visual (KRAMECK; NASCIMENTO, 2015).

Refletindo sob este prisma, objetivou-se além de investigar os dramas familiares, evidenciar o uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) na criação de uma rede de apoio, triangulando as informações, o compartilhamento de interesses e expectativas levantadas pelas mães, na procura de um apoio mútuo. Amiralian (2003), González (2007) e Pardo e Carvalho (2012) evidenciam, sobretudo, as subjetividades e os sentimentos de isolamento social comumente relatados. A criação de uma rede de apoio pode configurar-se pelo uso de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que de acordo com Pereira (2007) tem o potencial de difundir conhecimentos e se adequa à realidade sociocultural dessas mães, especialmente os familiares com dificuldade de acesso à instituição especializada, possibilitando o estreitamento da relação entre os sujeitos da pesquisa, em uma “interconexão contínua sem fronteiras” (LÉVY, 1999, p. 167).

Considerando o contexto apresentado, as interações realizadas pelos sujeitos do estudo, almejou, despertar em cada um o desejo de mobilização social e o espírito de cooperação e solidariedade entre seus pares, buscando construtos que contribuam para a reflexão dos caminhos possíveis que visem promover a melhoria da qualidade de vida e autonomia.

Metodologia

Para responder ao objetivo exposto estabeleceu-se como modo de recolha dos dados um cenário virtual, firmando-se na busca por apontar as multiplicidades das trocas de experiências e no compartilhamento de informações entre os sujeitos como membros de um grupo com interesses em comum, utilizando-se um AVA. Tendo, portanto, como abordagem principal as narrativas das mães de crianças surdas, bem como suas experiências e sentimentos, sendo compartilhados em um fórum de discussão, perfazendo suas subjetividades e significações a respeito da surdez de seus filhos e suas implicações.

Vale ainda ressaltar a importância da apreensão de que é possível acessar formas diferenciadas de se posicionar perante fatos cotidianos por meio de experiências que se acumulam ao longo da vida das pessoas e da compreensão de seus dramas (ZANELLA, 2001).

O foco deste estudo incidiu, sobretudo, na forma de como os sujeitos se comportam diante de uma condição peculiar, convocando-os à reflexão e, dentro de um processo transformador, buscar, por si só, significações diferenciadas à fonte de seus dramas e conflitos.

O estudo abarcou metodologicamente uma abordagem qualitativa com enfoque na pesquisa-ação tendo como base Thiollent (2011), propiciando a atuação do pesquisador ao tentar desenvolver uma ação referente ao entendimento de como os sujeitos vivenciam e interpretam as significações. Neste caso, como os sujeitos assumem a condição de terem um filho surdo. Procurou-se, portanto, cientificizar o processo de interações realizadas na possibilidade de reflexões geradas no grupo.

O campo de pesquisa se configura na utilização de um *software* livre, especificamente o *Moodle – Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*, que é um AVA (PEREIRA, 2007).

Aceitando participar, todas as mães foram informadas dos objetivos do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que foi conferida uma cópia do documento às mesmas. Cabe ressaltar que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob parecer nº 839.536.

Como instrumento inicial de coleta de dados, foram previstas entrevistas semiestruturadas compostas por questões abertas, permitindo uma flexibilidade e ampliação dos questionamentos à medida que as informações eram fornecidas. Para tanto, estabeleceu-se um roteiro de entrevista que fornecia dados pessoais, como idade, escolaridade, profissão, além de informações decorrentes ao processo de diagnóstico de surdez de seu filho; acesso aos serviços de atendimentos especializados e formas de comunicação estabelecidas no núcleo familiar.

Utilizou-se um celular para gravar as falas das mães para que na transcrição de todo o material não se perdessem registros importantes como entonação, pausa e emoções ocasionadas, enriquecendo a análise deste documento (MARCONI; LAKATOS, 2010; BARDIN, 2011). Essas entrevistas foram realizadas nas casas das mães, com horários indicados por cada uma delas.

Cabe salientar que o roteiro da entrevista foi elaborado pelos pesquisadores e submetido à validação externa por profissionais capacitados da área de estudo que permeia a pesquisa.

Seguindo os princípios de Bardin (2011), a análise foi estruturada embasada nas leituras e releituras de todo o material transcrito, procurando apontar as categorias com o objetivo de identificar os temas centrais emergentes para que posteriormente os fóruns fossem elaborados abarcando os dados coletados nas entrevistas iniciais.

Destacaram-se quatro categorias e seus respectivos indicadores que contemplaram temas como: luto - sentimentos vivenciados pelas mães, conflitos e elaboração da crise familiar; comunicação - dificuldades comunicacionais vivenciadas pelos familiares; inclusão da criança surda; opiniões, sentimentos, barreiras/dificuldades e atuação dos profissionais.

A categorização posteriormente, norteou o planejamento e a criação de um fórum de discussão no AVA que viesse ao encontro das expectativas das mães e que abordasse o tema de maior interesse do grupo a partir de um vídeo que retratava situações relatadas por pais e crianças surdas e as dificuldades apontadas durante o período de adaptação à nova situação.

Neste sentido, o fórum de discussão criado no AVA contou com a participação dos pesquisadores, de uma psicóloga e das mães entrevistadas anteriormente, possibilitando a reflexão das questões que surgiram. A participação da psicóloga permeia-se por um convite dos pesquisadores, pois diante da especificidade apontada pelo estudo era primordial um olhar mais sensível de um profissional que soubesse lidar com os dramas e conflitos expostos pelas mães.

Os sujeitos da pesquisa foram quatro mães com idades compreendidas entre 28 e 43 anos e que tinham filhos com surdez profunda bilateral com idades entre 13 e 17 anos. As mesmas foram escolhidas por terem uma função primordial no processo de educação de seus filhos e por utilizarem como forma de comunicação a Libras. O perfil dessas mães é apresentado na Tabela I.

É importante salientar que as mães foram escolhidas por terem filhos com surdez profunda bilateral, segundo conceituação de Azevedo (1996); Brito e Dessen (1999); Bevilacqua e Moret (2005) e que utilizam Libras, apresentando, portanto, especificidade em sua educação (GÓES, 2002; QUADROS, 2006).

Tabela 1: Perfil das mães que participaram da pesquisa.

Idade	Grau de Escolaridade	Profissão que exerce	Atendimento com profissional da Saúde (Psicólogo)	Curso Básico de Libras	Idade de Filho (a) Surdo (a)
28 anos	9º ano	Não trabalha	Não	Sim	13 anos
30 anos	Cursando Ensino Superior	Vendedora	Não	Sim	14 anos
37 anos	1º ano do Ensino Médio	Não Trabalha	Não	Sim	17 anos
43 anos	7º ano	Não trabalha	Não	Não	17 anos

Fonte: Autoria Própria

Todas as narrativas foram transcritas e analisadas adotando-se os mesmos critérios utilizados nas entrevistas, atribuindo um sentido aos sentimentos que relataram, traçando um panorama entre seus

discursos nas entrevistas e após as interações realizadas no fórum virtual, tendo como análise a percepção dessas mães em relação à surdez de seus filhos, além de verificar os vínculos estabelecidos entre elas e apreensões nas trocas de informações e experiências.

Os comentários foram analisados, em etapa posterior pelos pesquisadores e a psicóloga, oferecendo um *feedback* aos sujeitos do estudo. As postagens das mães foram acompanhadas diariamente. Desde o início adotou-se uma postura de cooperação e de confiança entre os sujeitos do estudo, propiciando um espaço em que as experiências positivas e/ou negativas comentadas pelas mães pudessem ser (re)significadas, visando a reflexão crítica e a busca por soluções viáveis que surgiram das interações do grupo a fim de que revisitassem seus saberes sobre surdez. Sobretudo, as mães puderam relatar seus sentimentos, inquietações, compartilhando dúvidas e ansiedades, procurando por meio de seus dizeres contribuir para uma melhor vivência e entendimento das dificuldades com que se confrontam diariamente e como lidam com elas.

Resultados e Análise

O anonimato das mães foi garantido por meio da adoção de siglas enumeradas sequencialmente, sendo referidas na pesquisa por M1, M2, M3 e M4.

Entre as participantes do estudo, três são casadas e uma divorciada. Os pais dessas crianças trabalham e mantêm um relacionamento mais distante das mesmas, aquiescência as narrativas das mães, por não utilizarem Libras.

As mães conhecem e utilizam essa língua estabelecendo certo nível de comunicação com seus filhos. Porém, nunca fizeram um curso mais aprofundado de Libras em níveis intermediário e/ou avançado. Relataram que apenas participaram de um curso de nível básico que a instituição de atendimento especializado oferecia aos familiares. Segundo informações, aprenderam inicialmente alguns sinais com os próprios filhos, conforme os mesmos se inteiravam dessa língua com surdos que já a utilizavam. Ainda, fazem uso de sinais caseiros criados dentro do núcleo familiar para facilitar e estabelecer uma forma de comunicação entre eles. Dentre as mães participantes da pesquisa, três declararam que se dedicam às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos; realizam atividades referentes aos compromissos relativos à escola; ao aprendizado da língua de sinais; às consultas médicas e a tudo mais que se refere à surdez de seus filhos.

Das crianças, apenas duas fazem uso do Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI), por acreditarem nos benefícios do uso deste recurso. As outras duas mães justificaram a não utilização do AASI, devido à falta de interesse de seus filhos em desenvolver a oralidade, e por acreditarem que o mesmo não faz sentido já que são surdos e os resíduos auditivos não discriminam os sons captados.

Narrativas das mães: compreendendo a dinâmica familiar

Os temas apresentados nesta pesquisa correspondem em parte com outros estudos e pesquisas realizados com pais de crianças surdas (MOTTI; PARDO, 2010; SANTOS; CARVALHO, 2016).

Neste contexto, os enredos que se desenrolaram e que foram mais comentados nas entrevistas permearam temas como: “luto” vivenciado por familiares de crianças surdas; avaliação e diagnóstico de possível surdez; comunicação e inclusão escolar.

As significações apontadas nas narrativas das mães denotam que o choque do diagnóstico da deficiência de um filho pode aflorar sentimentos difíceis de serem elaborados segundo González (2007) e Barbosa et al. (2008), ocasionando possíveis rompimentos na vida cotidiana. As experiências vivenciadas pelas mães expressam sentimentos e reações comumente descritas na literatura e que demarcam momentos descritos por elas:

No começo, senti que meu mundo tinha acabado. Fiquei sem chão. Tive depressão por seis anos, quando ele estava fazendo tratamento na UNICAMP. [M1].

Não é fácil receber uma notícia dessa. A gente tem medo das dificuldades que a criança vai passar ao longo da vida. [M2].

A gente fica triste, mas a gente leva bem. [M3].

Nosso Deus! Foi como se alguém tivesse enfiado uma faca em meu coração! Pois a gente não sabe como lidar com o problema. [M4].

Dentre as reações frente ao diagnóstico de surdez de um filho, revela-se além do medo, a incredulidade e revolta. Esses sentimentos coincidem com os pressupostos apontados por Bevilacqua e Moret. (2005) quando sugerem que os pais podem desacreditar dos resultados dos exames realizados e até mesmo do laudo emitido pelos profissionais responsáveis. É possível destacar esse sentimento quando a mãe (M1) declara não acreditar no laudo e ter procurado outros especialistas na área de surdez. Inclusive essa mãe revela que a opção do tratamento ser realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), SP, decorreu devido a sua insegurança em relação aos diagnósticos realizados em sua cidade de origem. Em algumas entrevistas, os discursos das mães revelaram que sentimentos como medos do desconhecido, especificamente por não saberem lidar com seu filho surdo, foram sendo assimilados ao longo de vários anos.

Por vezes, vale destacar que todas relataram que não tiveram acompanhamento psicoterápico durante a fase de diagnóstico de surdez de seu filho e ainda continuam sem nenhum apoio e acompanhamento de forma contínua, evidenciando que elaboram suas angústias sozinhas, quando vivenciam situações que levam ao estresse emocional em relação ao futuro de seus filhos e a possibilidade da não aceitação da condição de surdez por outros. Analisando os discursos das mães, encontramos indicadores que estão presentes como manifestações de incerteza, solidão e angústia por não saber o que fazer nas situações de conflitos.

O sentimento é assim, um tanto medo e angústia. Tenho medo de fazer e não conseguir... Eu quero que ela viva uma vida normal, porém não estou conseguindo (chorou) (M4).

Cabe destacar neste sentido e segundo autores como Sacks (1998); Bevilacqua e Moret (2005); González (2007), entre outros, que os familiares ao perderem o filho sonhado, ficam presos aos sentimentos e não conseguem elaborar o “luto”, desta forma, não criam vínculos com o bebê. Assim, o fator emocional constantemente comentado pelas mães durante a realização deste estudo, aponta para as dificuldades que vivenciaram em relação ao desenvolvimento psicossocial da criança surda, refletindo mais tarde na escola, quando problemas com o aprendizado são comumente relatados (GÓES, 2002; QUADROS, 2006).

Quando indagadas sobre a fase de diagnóstico de surdez, as mães relataram que vários personagens fizeram parte dos dramas familiares, incluindo os profissionais de saúde. Verificamos que por ser uma fase delicada e que de certa forma modifica a dinâmica familiar, os profissionais envolvidos no diagnóstico de deficiência de um filho precisam se sensibilizar com esse momento que a família vivencia (GONZÁLEZ, 2007; BARBOSA et al., 2008).

Conforme relato de uma mãe, é comum que os familiares se posicionem contra o profissional, assumindo uma postura de defesa e proteção contra a situação que é revelada:

Sei que demorei para levá-lo ao médico, mas, na época, fiquei revoltada com alguns profissionais que demoraram em fechar o diagnóstico de surdez. Só fui ter certeza quando ele tinha 4 anos (M2).

A hostilidade contra outra pessoa, neste caso o profissional responsável em realizar o diagnóstico, reflete na verdade a hostilidade por sua condição e esgota emocionalmente os pais, quando na procura incessante por um diagnóstico, não encontram respostas que satisfaçam suas inquietações e frustrações (GONZÁLEZ, 2007; BARBOSA et al., 2008; MOTTI; PARDO, 2010). A dificuldade na comunicação com profissionais responsáveis pelo diagnóstico da surdez e a insuficiência de informações claras e acessíveis aos pais podem gerar mais conflitos, comprometendo a busca por formas viáveis de abordagens de comunicação, seja o oralismo ou o uso de Libras (GONZÁLEZ, 2007; BARBOSA et al., 2008; MOTTI; PARDO, 2010).

Na busca por uma aproximação e criação de vínculos entre as mães e seus filhos surdos, ressaltou-se nos fragmentos das falas que outro obstáculo se solidifica, reportando a dificuldade na comunicação, por não terem, segundo suas narrativas, uma forma de comunicação mais estruturada e profunda entre os mesmos, já que as mães utilizam na maior parte das vezes os sinais caseiros. A impotência que pais de crianças surdas relatam, dá-se frente às diferenças linguística e cultural, gerando conflitos de acordo com Quadros (2006), ou fixando seus esforços em práticas de reabilitação terapêutica, logo, distanciando-se das necessidades emocionais de seus filhos (GONZÁLEZ, 2007; BARBOSA et al., 2008).

Enfrentei muitos obstáculos. Os obstáculos vieram ao longo do tempo. Mas o maior obstáculo foi o medo de pensar em como meu filho iria ser colocado na escola, como se comunicaria, se iria ter dificuldades em aprender (M1).

O fator emocional envolvido nessa questão provoca reflexos em forma de traumas dessas vivências, quando as mães comentam sobre o medo de que seus filhos possam não ser aceitos na sociedade e o fato de terem sido expostas às situações preconceituosas, o que pode significar mais tristeza, dúvida e sofrimento. Destaca-se nas entrevistas que, uma das crianças foi identificada e chamada de “muda” na escola que frequentava. Esse fato marcou bastante a mãe (M3), pois o termo utilizado é pejorativo e conota a deficiência da criança e não suas possibilidades, quando se utiliza o termo surdo (BEVILACQUA; MORET, 2005). A mãe 2 comenta a respeito do medo que sente de o filho não ser aceito na sociedade nos mais diversos espaços. O sentimento descrito por essa mãe pode ir desde um desconforto perante outros até um isolamento social devido ao medo da rejeição (GONZÁLEZ, 2007; BARBOSA et al., 2008).

Com as respostas dadas, pudemos planejar e alimentar as temáticas que deveriam ser abordadas no fórum virtual e propiciar a criação de uma rede de apoio, nesse sentido, tendo como premissa oportunizar às mães condições de lidar de forma mais madura, menos estigmatizada em relação à deficiência de seus filhos, colocando em relevo suas possibilidades e não suas dificuldades, segundo estudos de JCIH (2000), Quadros (2006), González (2007) e Barbosa et al. (2008).

Ressalta-se que, as dificuldades apontadas pelas mães decorrem de fatores que se referem à dinâmica familiar e ainda pela insuficiência do acompanhamento dos pais após o diagnóstico de surdez de seu filho (TORRES, 2005; GONZÁLEZ, 2007). De acordo com seus dizeres, há necessidade de atendimento

psicoterápico e a viabilidade do mesmo, quando a mãe 3 relata: [...] *queria muito também poder conversar com um psicólogo, em um horário em que minha filha e eu pudéssemos frequentar (M3).*

Alguns desafios vivenciados no cotidiano das mães e crianças surdas revelam outros fatores que merecem atenção e que denotam o atendimento especializado que vise as reais necessidades da família, em relação à elaboração de seus dramas; troca de informações sobre surdez e suas implicações por meio de esclarecimentos; viabilização de novas formas de interações com os pais de crianças com deficiências e profissionais responsáveis pelo atendimento especializado na área da surdez.

Neste sentido, reconhecemos a importância de abordar esses temas no fórum virtual, propiciando outras experiências e possibilidades para que as mães possam agir de forma positiva em relação a seus filhos surdos, tendo como foco o reconhecimento de seus sentimentos e atitudes e fornecendo informações que possibilitem o diálogo e a reflexão, procurando, por conseguinte, afastá-las dos caminhos intrincados no âmbito emocional, rumo ao protagonismo de suas vidas.

Abordagens no Fórum de Discussão em um Ambiente Virtual de Aprendizagem

O cenário estabelecido configura-se pela avaliação das interações propostas em um fórum de discussão de um AVA, que se emoldurou de acordo com as narrativas coletadas nas entrevistas. O fórum de discussão proposto visou um espaço dinâmico virtual que permeou assuntos de interesses comuns e que possibilitaram diferentes abordagens pelas mães, promovendo reflexões, trocas de experiências e ainda a construção de vínculos sociais e afetivos.

Neste sentido, para estimular e apoiar a participação no fórum virtual proposto, todas as participantes do estudo receberam um treinamento para acessar o AVA, de forma que suas dúvidas foram esclarecidas ao longo do processo.

Cada uma das participantes recebeu o endereço de acesso, o *login* e senha pessoal. O AVA utilizado foi o *Moodle* versão 2.8.

Houve o cuidado de se criar uma identificação (nome) para todos os participantes garantindo seu anonimato. As mães foram identificadas, como na entrevista, pela letra M contendo uma sequência numérica de 1 a 4.

Conforme apontado anteriormente, a perspectiva dessa pesquisa deu-se a partir de uma abordagem qualitativa com enfoque metodológico na pesquisa-ação, que tem como referencial a atuação do pesquisador ao tentar solucionar um problema desenvolvendo uma ação (THIOLLENT, 2011). Para tanto, a professora de educação especializada, demais pesquisadores e uma psicóloga também tiveram um usuário e uma senha, pois estariam acompanhando os comentários e realizando postagens com a intenção de fomentar as discussões.

A definição do formato do AVA teve como vertente o perfil da população em estudo. Para todos os comentários, ofereceu-se um *feedback*, possibilitando a elaboração de novas postagens.

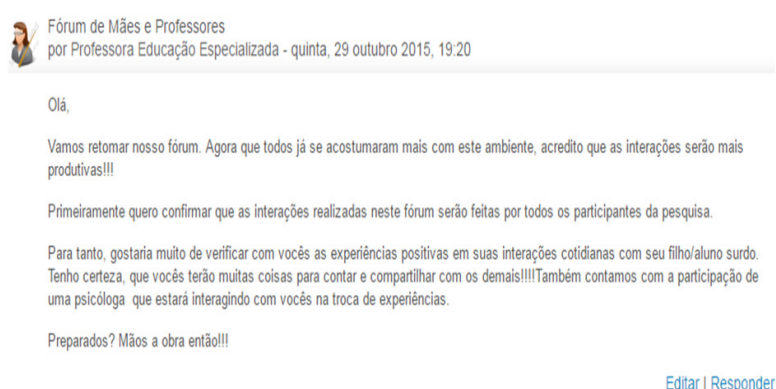
As postagens das mães de crianças surdas foram acompanhadas diariamente. Vale destacar que as interações nos fóruns foram realizadas em seis meses. Todas puderam interagir entre si, trocando informações, experiências e expectativas de forma a refletirem sobre suas inquietações e sentidos a respeito do processo ensino-aprendizagem dessas crianças.

Cada participante pôde escolher um 'avatar' que no contexto de um ambiente virtual consiste em uma imagem e foi utilizado nesse estudo para distinguir e garantir o anonimato dos participantes. Essas imagens foram escolhidas pelas participantes e retiradas de sites da Internet.

Assim, as mães foram orientadas a postarem suas reflexões a partir da exposição de um vídeo e de uma questão que deveria ser debatida no fórum. O vídeo consistia de uma reportagem da série: "O silêncio que fala", exibida na Internet, no canal *Youtube*. Em síntese, a reportagem retrata a história de uma família com uma filha surda e os obstáculos que vivenciaram e como se adaptaram à nova situação.

O fórum de discussão criado para que as mães pudessem iniciar um debate entre si e com os demais participantes consistia de uma reflexão que deveria ser feita a partir do vídeo disponibilizado. Em destaque na Figura I, a questão que deu início às postagens.

Figura 1: Fórum destinado às mães e profissionais



Fonte: Autoria Própria

Com o intuito de enriquecer as interações, todas as participantes poderiam realizar quantos comentários desejassem entre si, pretendendo-se criar vínculos entre os sujeitos do estudo.

Na busca por um maior envolvimento e entendimento sobre a especificidade da surdez, aponta-se a importância da troca de experiências, denotando um apoio emocional para essas mães, considerando um relato depreendido da expectativa do momento de interagir com outras mães e demais participantes:

Que legal. Estava esperando este momento! É muito bom ver que não sou a única com dificuldades e ainda poder aprender com as experiências de outras mães! (M4).

Os enredos que se configuraram no fórum de discussão propiciaram uma avaliação de suas práticas cotidianas e ainda de forma positiva, destacaram-se elementos nas interações propostas pelas mães a fim de se adaptarem às condições reais de seus filhos e também encontrando em seus pares o apoio de que tanto necessitam. Todas as interações foram comentadas por um profissional da educação especializada (pesquisadora) e uma psicóloga que fomentaram as discussões geradas. Em destaque na Figura II, as narrativas na íntegra de alguns participantes.

Figura 2: Reflexões das mães e profissionais em um fórum de discussão



Re: Fórum de Mães e Professores
por Mãe 04 Mãe 04 - sábado, 7 novembro 2015, 14:26

Primeiramente me comunico com ela em libras e leitura labial, mas não sei libras totalmente. Ela baixou o aplicativo no celular e algumas frases que eu não sei, ela pede para mim digitar e me ensina. A escola está complicado pois ela vive reclamando da intérprete e quer que troque. Para mim, penso que é por falta de paciência na profissão.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Fórum de Mães e Professores
por Professora Educação Especializada - sábado, 7 novembro 2015, 21:18

Olá mãe 4,

Achei muito legal você comentar sobre a leitura labial que sua filha faz. Parabéns por mais esta iniciativa. Realmente, é importante sempre recorrermos a todos os recursos possíveis a fim de melhorar a comunicação.

Em relação à escola regular seria interessante você ir até lá para tentar entender o que tem acontecido em relação à atuação da intérprete. Seria positivo também você poder passar sua experiência ao atuar com sua filha em casa e dar dicas para os professores e intérprete. Estamos à sua disposição.

Um forte abraço.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Fórum de Mães e Professores
por Psicóloga Psicóloga - domingo, 8 novembro 2015, 15:33

Reforço o conselho da Professora. Seria de extrema importância para o aprendizado de seu filho(a) o esclarecimento das dificuldades da intérprete. O direito ao intérprete é o direito a aprender e isso não pode ser negligenciado pois vai custar o desenvolvimento escolar e cognitivo da criança surda.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: Autoria Própria

Ainda sobre os enredos de surdez e suas especificidades, destaca-se que, apesar de todos os esforços para que pudessem ter uma convivência saudável e uma aproximação com seu filho surdo, algumas mães revelaram suas inquietações ao apontarem a importância de apreenderem Libras, debatendo sobre as dificuldades de comunicação quando surgiam situações que geravam atritos.

Eu sei que preciso aprender Libras, mas não consigo... Isso me preocupa muito, pois quando surge uma coisa que preciso explicar para ela, eu não consigo [...] (M2).

A maior dificuldade para mim é que quando preciso explicar algo mais difícil, eu não consigo. Sempre tenho que pedir para alguém que saiba um pouco mais de Libras explicar o que quero (M3).

Em algumas narrativas, as mães apontaram suas dificuldades em relação à situação que vivenciam e que se sentem impossibilitadas de fazer algum progresso no estabelecimento de vínculos com seus filhos, quando comentam:

Há pouco tempo atrás aconteceu de algumas meninas ficarem rindo dela em uma festinha, porque ela usa Libras. Ela chorou e ficou chateada. Na hora que fiquei sabendo, pedi pra Deus me segurar em casa. Porque não é fácil viu! Acabou que eu fiquei mais chateada que ela. Porque dói muito. (M2)

Os enredos das mães denotam que se sentem inseguras e com medo das situações que podem surgir na vida de seus filhos e ainda têm o sentimento de serem impotentes para ajudá-los. De acordo com, os dilemas expostos por essas mães podem ir desde um desconforto perante outros, por sentirem-se pressionadas pela sociedade e pela escola, até levá-las a um isolamento social devido ao medo da rejeição. Ainda segundo González (2007) corroborando com Solomon (2013), essas narrativas figuram na trama de suas inquietações e denotam a necessidade de uma orientação por profissionais especializados na área da surdez e por psicólogos que possam ajudá-las a enxergar suas possibilidades em encontrar soluções, fortalecendo o vínculo entre pais e filhos com deficiências, gerando aceitação, apego e cumplicidade.

Por vezes, com a intenção de fomentar as postagens e reflexões geradas no fórum, os profissionais especializados participantes do estudo realizaram comentários, contribuindo e reforçando ações e sentimentos positivos, ou seja, buscavam ressaltar aspectos das relações entre as mães e os filhos que deram certo, que foram compartilhados por seus pares, que geraram um sentimento de reciprocidade, apoio mútuo e fortalecimento das relações:

Olá mães! Fico muito satisfeita com a participação de vocês! Quero que saibam que apesar das dificuldades, vocês não estão sozinhas! Em breve estarei postando algumas sugestões de literatura que possam exemplificar em como aproximá-las de seus filhos e tornar sua convivência muito mais prazerosa! (profissional da educação especializada).

Em algumas narrativas, a segunda maior dificuldade foi em relação à comunicação e o estabelecimento de vínculos. Destaca-se aqui uma das falas que ilustra a angústia de uma das mães:

Enfrentei muitos obstáculos. Os obstáculos vieram ao longo do tempo. Mas, o maior obstáculo foi o medo de pensar em como meu filho iria ser colocado na escola, como se comunicaria, se teria dificuldades em aprender, e em como eu ensinaria as atividades já que não sei Libras (M1).

Na busca por uma solução viável e acessível, uma das mães comentou sobre um recurso que ela utilizava para facilitar a comunicação e que indicou para os professores de seu filho. Este fato exemplifica como a interação com seus pares pode gerar conforto, sentimento de solidariedade e de pertencimento (GONZÁLEZ, 2007; BARBOSA et al., 2008; FALCÃO, 2010; SOLOMON, 2013):

Essa novidade eu tenho que compartilhar! Meu filho me mostrou um aplicativo no celular. Achei maravilhoso!!! Estou usando com ele para conversarmos. Ele traduz o texto ou áudio em Libras (M3).

O entusiasmo denotado no enredo dessa mãe imprime certa direção na desconstrução e reconstrução de paradigmas que envolviam a significação da surdez em suas vidas e apontam um novo rumo que sinaliza a importância da criação de uma rede de apoio, que deve ter como pressuposto demonstrar para outros pais que vivenciam a mesma situação a olharem para si mesmos e para seus filhos de forma menos estigmatizada, destacando as suas possibilidades e não mais suas dificuldades.

O depoimento da mãe 3, emergiu um novo conhecimento para outras mães que não conheciam o aplicativo utilizado no celular, que é mais um recurso dentre outros, viabilizando a comunicação, sendo uma ferramenta que oportuniza momentos de autonomia e (re)significa a autoestima das mães e de seus filhos. A intencionalidade do modelo bilíngue, evidenciado pelo aplicativo, emoldura-se como uma ferramenta de acessibilidade, proporcionando ao surdo reconhecer-se dentro de uma cultura e identidade próprias (SKLIAR, 1999; TORRES, 2005; QUADROS, 2006; FALCÃO, 2010).

Ainda outra mãe participante da pesquisa, explica que a forma que encontrou para se comunicar, quando sua filha ainda estava aprendendo a língua de sinais em uma instituição especializada na educação de surdos, foi a de criar sinais caseiros:

Minha experiência com minha filha foi a de que desde pequena, quando ainda não sabíamos Libras, inventamos alguns sinais para podermos nos comunicar. E deu super certo! São coisas que ficaram até hoje! (M1).

A dinâmica do fórum de discussão enseja esforços e reforça a ação das mães como positivas no sentido de aproximar mais a relação entre filho e mãe e propiciar momentos de aprendizagem em relação à língua de sinais:

A importância da boa vontade da família e do estímulo certo para a criança é determinante para o seu desenvolvimento. Prova viva disso é o que você tem feito, mãe! Parabênzios a todas vocês que sempre estiveram dispostas a aprender sobre a condição de seus filhos e por estarem aqui realizando este debate! (psicóloga).

Predominou nas narrativas das mães a dificuldade que a educação de crianças surdas confere, não sendo, portanto, uma tarefa fácil, mas que exige ações que precisam ser pensadas e viabilizadas em parceria com profissionais especializados no fortalecimento de uma rede efetiva, que veja a surdez e suas implicações de forma mais humanizada e sensível (SKLIAR, 1999; TORRES, 2005; QUADROS, 2006; ALVES, 2009; FALCÃO, 2010). O desconhecimento da Libras foi a abordagem mais apontada pelos participantes do fórum, demonstrando que a família precisa desenvolver formas viáveis de adquirir esse conhecimento.

Em função dos pontos aqui salientados, considera-se fundamental que os profissionais da educação especializada, psicólogos, professores da educação básica e familiares de crianças surdas estejam envolvidos com a questão que a surdez de um filho impõe e tomem conhecimento das inquietações, expectativas de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem dessas crianças, permitindo-lhes uma melhor compreensão dos fatos baseados em uma educação inclusiva e bilíngue.

Últimas Reflexões

A percepção das mães que participaram da pesquisa e que responderam o fórum no AVA incluem os seguintes pontos: dificuldades na comunicação com seu filho surdo por não terem aprendido Libras de forma mais profunda; falta de esclarecimento em relação às implicações da surdez e desenvolvimento psicossocial de seus filhos; dificuldade em acessar a instituição especializada por questões econômicas, de tempo e distância; isolamento social das mesmas e ainda situações preconceituosas que foram submetidas. Acredita-se que as evidências levantadas pelas mães sugerem mais estudos nesta área e enriquecem as futuras abordagens e programas que acolhem e orientam familiares que vivenciam a surdez.

Alguns estudos apontam para a importância de se desenvolver uma rede de apoio que vise as reais necessidades dos familiares de crianças com deficiências (BRITO; DESSEN, 1999; AMIRALIAN, 2003; PELCHAT; LEFEBVRE, 2004; FALCÃO, 2010).

Os dados apontados pelo estudo em relação à dificuldade em frequentar reuniões, cursos e eventos realizados na instituição especializada se dá por questões econômicas, de tempo e distância, conforme relato de mães que residem em cidades circunvizinhas. Três mães relataram que precisam se deslocar de suas cidades quando são convocadas para reuniões semestrais realizadas nas instituições de atendimento especializado e que nem sempre têm condições financeiras para a passagem de ida e volta. Este relato corrobora com outras pesquisas desenvolvidas na área, quando os pais solicitaram mais oportunidades de exporem suas experiências e que em suas cidades não têm grupos que realizem essa discussão (AMIRALIAN, 2003) e sobretudo, realizar orientações valendo-se de todos os recursos disponíveis no trabalho direcionado à família (PARDO; CARVALHO, 2012).

Em uma visão geral do fórum virtual, as questões levantadas pelas mães referem-se às suas dúvidas e às tramas familiares.

As mães apontaram que a princípio sua maior dificuldade foi em relação ao AVA, ou seja, conseguirem se habituar em realizar o *login*, mas que ao longo do processo e com a realização de diversos acessos essa dificuldade foi sanada.

As respostas das mães avaliando as abordagens propostas no vídeo e fórum virtual manifestaram como algo positivo e muito eficaz:

Nunca imaginei que poderia conhecer outras realidades desta forma, através do computador. Achei também excelente poder conversar um pouquinho com a psicóloga. Ela deu dicas de leituras que podem nos ajudar a entender um pouco mais sobre surdez (M2).

Gostaria muito de continuar participando deste fórum com outras mães que sejam de outras cidades como por exemplo São Paulo, para conhecer a realidade deles (M3).

O discurso dessas mães denota o quanto é importante a troca entre os pares corroborando com Brito e Dessen, (1999) e González (2007), pois se sensibilizam e se reconhecem no saber do outro.

Destaca-se, ainda, que a família necessita ser atendida por profissionais que tenham conhecimento profundo da surdez e que sejam capacitados e sensíveis ao momento que os familiares estão vivenciando (GONZÁLEZ, 2007; BARBOSA et al., 2008).

No entanto, observa-se a necessidade de uma escuta direcionada aos pais, pois a família nem sempre recebe toda a orientação necessária estando as discussões centradas no indivíduo com deficiência (AMIRALIAN, 2003; PELCHAT; LEFEBVRE, 2004; PARDO; CARVALHO, 2012).

Em meio às respostas nos comentários finais das participantes do estudo, encontra-se o parecer positivo em relação à contribuição da psicóloga que acredita ser esta uma iniciativa pioneira e promissora da inclusão desses pais no olhar dos profissionais da saúde:

Não esperava que este estudo traria tantas contribuições para minha prática profissional na clínica. Hoje posso dizer com toda convicção que passei a olhar de forma diferenciada para os familiares de crianças surdas. Antes, pensava apenas na viabilidade de atendimento para as crianças surdas (psicóloga).

Foi possível observar que tanto a psicóloga quanto a profissional de educação especializada revisitaram suas práticas e saberes sobre as deficiências e o quanto a participação em todo o processo pôde contribuir para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas e as vivências cotidianas, minimizando seus dramas familiares. Os resultados encontrados na pesquisa sugerem que as mães que participaram do fórum virtual, receberam as informações que foram elencadas por elas e que num processo de (re) significações puderam rever seus saberes, possibilitando o contato com as aspirações de outras mães, se identificando entre si, fortalecendo sua autoestima por reconhecerem que não estão sozinhas. Essas evidências são reveladas em seus discursos quando denunciam que o trabalho desenvolvido por profissionais especializados na surdez deve estar em consonância com as necessidades da família e não somente da criança com deficiência:

Adorei poder conversar com a psicóloga e conhecer outras mães com filhos surdos. Foi muito legal descobrir que existe um aplicativo de celular que pode nos ajudar na comunicação. Poderíamos continuar a discutir outras questões, como por exemplo, sobre o implante coclear (M1).

Conclusão

Podemos afirmar que, os resultados do presente estudo mostraram a importância de se dar voz aos anseios, as dificuldades e as inquietações de familiares de crianças surdas, sendo fundamental o reconhecimento de suas aspirações e necessidades em relação às suas vidas cotidianas.

De acordo com as narrativas obtidas, as mães nutrem-se de um sentimento de isolamento e incapacidade, denotando a importância da articulação entre profissionais da educação básica, educação especializada na área da surdez, psicólogos e família.

Neste estudo, partimos das vivências prévias, valorizando seus dizeres sobre a surdez. Com os resultados das interações e vínculos estabelecidos no fórum de discussão alimentado por todos os personagens deste estudo aponta que um cenário virtual pode ser mais uma ferramenta que se soma às demais, configurando-se em ações de inclusão, tornando a vida desses sujeitos mais autônoma e favorecendo uma aproximação com seus pares.

É válido ressaltar que até a finalização deste estudo, não foram encontrados outros estudos que utilizassem um AVA como forma de partilhar informações e troca de experiências entre mães de crianças surdas, fato que limitou o estudo. Todos os referenciais teóricos encontrados, quando voltados aos familiares de crianças com deficiência, descrevem as orientações e acompanhamentos dos mesmos na modalidade presencial, como oficinas, palestras, encontros ou ainda a criação de cartilhas que partilham informações de uma deficiência específica. Durante a revisão de literatura foi possível verificar a importância da necessidade da criação de uma rede de apoio com profissionais especializados e que utilizem recursos adequados às especificidades na atenção e acompanhamento da família de pessoas com deficiência. Para tanto, destaca-se a importância de sensibilizar e conscientizar familiares a buscar apoio junto aos profissionais especializados.

Evidenciam-se as inferências necessárias às mudanças de atitudes, práticas e olhares que emolduram a inclusão de pessoas surdas e seus familiares, ressaltando a importância dessas mães e profissionais envolvidos no processo, a revisitarem seus pressupostos a respeito da surdez, colocando em relevo que essas mães possuem a competência para lidar com suas dificuldades e inquietações a partir do compartilhamento de suas vivências com seus pares.

Em síntese, o que ora se apresenta são sugestões, denotando mais estudos que gerem reflexões e que apontam para a necessidade de se conhecer a dinâmica das relações parentais, vislumbrando como se configuram os entrelaçamentos e as interações entre mães, crianças surdas e profissionais especializados.

O conhecimento a respeito da interdependência desses fatores sugere o fortalecimento de vínculos, com o objetivo de naturalizar e atestar a importância das vivências e experiências cotidianas como forma de enriquecimento com informações adicionais de todos os sujeitos, a sua própria habilidade e conhecimento ao lidar com crianças surdas, visando à promoção, interdependência e ao protagonismo desses sujeitos.

Referências

- ALVES, E. P. **Formar formando-se nos processos de gestão e inclusão escolar**. 2009. 218p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- AMIRALIAN, M. L. T. A deficiência redescoberta: a orientação de pais de crianças com deficiência visual. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 20, n. 62, p. 107-115, maio/ago,2003.
- AZEVEDO, M. F. Programa de prevenção e identificação precoce dos distúrbios da audição. In: PEREIRA, L. D.; SCHOCHAT, E. (Org.). **Processamento auditivo**. São Paulo: Editora Lovise, 1996. p. 75-105.
- BARBOSA, M. A. M. et al. Vivências de mães com um filho deficiente: um estudo fenomenológico. **Acta Paulista Enfermagem**, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 46-52, jul.2008.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BEVILACQUA, M. C.; MORET, A. L. M. **Deficiência auditiva: conversando com familiares e profissionais da saúde**. São José dos Campos: Pulso, 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Regulariza e reconhece a Libras como sistema linguístico próprio de pessoas surdas no Brasil. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 24 abril 2002. seção 1, p. 23.
- BRITO, A. M.; DESSEN, M. A. Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 429-445, mar. 1999.
- FALCÃO, L. A. **Surdez, cognição visual e Libras – estabelecendo diálogos**. Recife: Ed. do Autor, 2010.
- GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- GONZÁLEZ, E. **Necessidades educacionais específicas**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- JOINT COMMITTEE ON INFANT HEARING (JCIH). Year 2000 position statement. Principles and guidelines for early hearing detection and intervention programs. **Pediatrics**, Estados Unidos, v. 106, n. 4, p. 798-817, 2000.
- KRAMECK, K.; NASCIMENTO, G. C. C. A orientação à família com deficiência visual como recurso de intervenção de terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 128-135, jan/abr. 2015.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOTTI, T. F. G.; PARDO, M. B. L. Intervenção com pais de crianças deficientes auditivos: elaboração e avaliação de um programa de orientação não presencial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 3, p. 447- 462, set/dez., 2010.
- PARDO, M. B. L.; CARVALHO, M. M. S. B. Grupos de orientação de pais: estratégias para intervenção. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 80-87, dez., 2012.
- PELCHAT, D; LEFEBVRE, H. A holistic intervention programme for families with a child a disability. **Journal Advanced Nursing**. Canada, v. 48, n. 2, p. 124 – 131, sept., 2004.
- PEREIRA, A. T. C. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem: em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2007.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo do surdo**. Trad. Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SANTOS, L. R. L.; CARVALHO, D. M. Pais Ouvintes, filho surdo: causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua. **Revista Sinalizar**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 190-203, jul./dez. 2016.
- SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- SOLOMON, A. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- TORRES, S. Deficiência auditiva infantil: psicopatologia e tratamento. In: CABALLO, V. E.; SIMON, M. A. (Org.) **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos específicos**. São Paulo: Santos, p. 241-268, 2005.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ZANELLA, L. Aprendizagem: uma introdução. In: ROSA, J. La. (Org.) **Psicologia e educação: o significado do aprender**. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.